

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
3 e 8 de Março de 2025
TEREMOS SEMPRE MICHAEL CURTIZ (II)

CAPTAIN BLOOD / 1935 Capitão Blood

Um filme de Michael Curtiz

Argumento: Casey Robinson, baseado no romance de Rafael Sabatini (1922) / *Director de fotografia (35 mm, preto & branco):* Hal Mohr / *Director Artístico:* Anton Grot / *Guarda-Roupa:* Milo Anderson / *Efeitos Especiais:* Fred Jackman / *Música:* Erich Korngold / *Montagem:* George Amy / *Interpretação:* Errol Flynn (*Peter Blood*), Olivia de Havilland (*Arabella Bishop*), Lionel Atwill (*Coronel Bishop*), Basil Rathbone (*Capitão Levasseur*), Ross Alexander (*Jeremy Pitt*), Guy Kibbee (*Hagthorpe*), Henry Stephenson (*Lord Willoghby*), Robert Barrat (*Wolverstone*), Hobart Cavanaugh (*Dr. Bronson*), Donald Meek (*Dr. Whacker*), Jessie Ralph (*Mrs. Barlow*), Forrester Harvey (*Honesty Nutball*), Frank McGlynn (*Reverendo Ogle*), Holber Herbert (*Capitão Gardner*), David Torrence (*Andrew Baynes*), George Hassell (*Governador Steed*), Vernon Steele (*o rei*).

Produção: Cosmopolitan, com distribuição da Warner Bros / *Cópia:* 16 mm (transcrito do original em 35 mm) versão original com legendas eletrónicas em português / *Duração:* 98 minutos / *Estreia mundial:* Nova Iorque (cinema Strand), 25 de Dezembro de 1935 / *Estreia em Portugal:* Porto (cinema Trindade), 27 de Outubro de 1936 / *Primeira apresentação na Cinemateca:* 12 de Março de 1997, no âmbito do ciclo "De Capa e Espada"

Salvo erro, **Captain Blood** é o centésimo-segundo filme de Michael Curtiz, que continuaria a trabalhar itnensamente até à sua morte, em 1962. Nos trinta e cinco anos da sua carreira americans Curtiz trabalhou quase exclusivamente para a Warner Bros, cujos métodos de trabalho expeditivos convinham ao seu temperamento. Como é sabido e como foi o caso de diversos outros realizadores em Hollywood, Curtiz visitou diversos géneros, o melodrama, o filme negro, o musical, as aventuras antigas, o *western* e em todos realizou obras marcantes. Foi também um mestre do filme de aventuras, como o prova **Captain Blood**. Sempre foi um profissionalíssimo artesão, o exemplo-tipo do realizador de estúdio, pau para toda a obra e para muitas obras.

Captain Blood é baseado no romance homónimo de Rafael Sabatini, muito popular na primeira metade do século XX, quando era um clássico da literatura juvenil, que teve uma primeira versão cinematográfica em 1924. Trata-se do segundo dos doze filmes que Curtiz realizará com Errol Flynn e o primeiro papel principal da carreira do ator, então com 26 anos (o papel de Blood havia sido inicialmente proposto a Robert Donat). Trata-se também do primeiro dos oito filmes com o par Flynn-Olivia de Havilland e da primeira partitura para o cinema escrita por Erich Korngold, ex-menino prodígio vienense, que como o seu contemporâneo Miklos Roszá, começou por tentar uma carreira de compositor de concerto, antes de aderir aos esplendores e misérias de Hollywood. Como observou Jacques Lourcelles, "*o filme foi realizado sob uma boa estrela e todos os principais participantes tiraram proveito da sua participação nel*". **Captain Blood** renovou o filme de aventuras, fundindo de certa forma as aventuras de capa e espada e o filme de piratas (atente-se para o célebre duelo na praia entre Blood e Levasseur, o herói e o vilão), através de um estilo mais coeso, menos acrobático do que o que era praticado até então. Mas para que esta renovação fosse

bem sucedida, como foi, era necessária a presença de um protagonista realmente marcante, um herói de cinema com quem o espectador se pudesse identificar, alguém que fosse o equivalente, mas não a cópia, do que Douglas Fairbanks havia sido no decénio anterior. Errol Flynn está à altura do desafio e parte do prazer que **Captain Blood** proporciona hoje vem do facto de vermos nascer e tomar forma, diante dos nossos olhos, a sua *persona* cinematográfica: belo, viril, atlético mas não acrobático, juvenil, cavalheiresco e, apesar de tudo, vulnerável, um não-super-homem. Num ambicioso artigo em *Positif* sobre a relação entre Curtiz e Flynn, subtulado “Impulso Vital e Amor Cortês”, Christian Viviani observa a propósito do filme que vamos ver que “a sua juvenilidade desgrenhada, associada a uma refinada imagem a preto e branco, resultaram na presença de um mito em gestação que seduziu o público. O corpo de Errol Flynn é esbelto. A sua postura favorita é de uma juvenilidade viril e triunfante, de pernas abertas, mãos na anca e sorriso nos lábios. O seu gesto mais característico é o impulso: tenso, com o torso para a frente, pronto a sair de um salto de frente da câmara”. A placidez um tanto insossa de Olivia de Havilland oferecia um contraste perfeito à virilidade ostensiva do ator. Num só filme, criou-se o mito de Erroll Flynn e o impacto do ator sobre o público dos dois sexos foi imediato e duradouro: os homens admiravam as suas proezas, as mulheres o viam como um *sex symbol*. Isto também deveu-se ao facto, assinalado com alguma surpresa pela crítica da época, de **Captain Blood** ralterar o personagem do pirata, que deixa de ser o “mau” e o bárbaro absolutos (“todas estas histórias de divisão honesta dos despojos, de respeito pelas mulheres, de códigos de honra, nada têm a ver com os verdadeiros piratas”, observou com ingenuidade o crítico de *Variety*, que considerava este aspecto do filme como um defeito, uma falha da lógica). Quando se transforma em pirata, Blood continua a ser tão simpático como no prólogo, quando é uma vítima da tirania. Na realidade, o personagem é forçado a abraçar a carreira de pirata para conquistar a sua amada e reconquistar os seus ideais e neste sentido a sua história é menos a de um romance de aventuras do que a de um romance de iniciação, embora possamos ter a certeza de que nenhuma destas ideias atravessou alguma vez a mente de Jack Warner ou a de Michael Curtiz.

A saga de Peter Blood, entre a Inglaterra, a Jamaica e os mares assenta como uma luva ao temperamento de Curtiz, um realizador que gosta de ação contínua, detesta tempos mortos e dispõe aqui de vastos cenários e muitos figurantes, o que lhe permite renovar o grande espectáculo cinematográfico (abordagens, batalhas navais, caça ao tesouro), na tradição da mitologia romanesca. A *mise en scène* pode ser um pouco anónima mas é altamente profissional (atente-se para os movimentos da câmara, complexos, rápidos, precisos, de que Curtiz fará um uso extraordinário em **Casablanca**). A total ausência de sentimentalismo ainda mais acentua a natureza eminentemente erótica da relação entre Blood e Arabella, em perfeita coerência com o tom do filme, que alterna a contenção e o extravasamento. **Captain Blood** não é um filme isolado, é de certa forma um filme-matriz de muitos outros filmes, que valoriza a ação e deixa-nos entrever outros níveis de interpretação do argumento.

Antonio Rodrigues